



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

## **XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2020**

### **TÍTULO DO RESUMO**

**SANTANA, J. M.<sup>1</sup>; NETO, A. J.<sup>2</sup>;**

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [joanderson.santana@yahoo.com.br](mailto:joanderson.santana@yahoo.com.br)
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas de Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [anttonyus@yahoo.com.br](mailto:anttonyus@yahoo.com.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** Existencialismo; Intersubjetividade; Liberdade.

### **INTRODUÇÃO**

No livro denominado O Existencialismo é um Humanismo, Sartre de maneira bem didática, defende a liberdade como inerente à existência humana. O homem é o ser cuja a existência antecede a essência. Essa essência é formada a partir do momento em que se lança em direção ao mundo, quando age, faz escolhas. Por ser completamente livre, esse homem é também o único responsável pelas ações que realiza. É uma perspectiva que difere de filosofias tradicionais, como Descartes ou Kant, que apresenta uma essência da qual participa todos os homens.

A maneira como Sartre descreve a realidade humana, suscita algumas questões que se refere as relações que temos com os outros seres humanos. O homem, por ser absolutamente livre, convive com outros homens na mesma condição. Mas como posso compreender esse outro que percebo como um ser livre e assim como eu, responsável por suas escolhas? Questão como essa não é levantada a partir de filosofias essencialistas justamente por todos os homens pertencerem a um universo dado.

Pela filosofia sartreana o conhecimento sobre o Outro é obtido ao captar as suas ações. Assim como me defino por minhas ações no mundo, também defino as coisas que tenho acesso, mas defino inclusive o outro que vejo e faço a partir do seu modo de agir no mundo. Porém isso não é suficiente para compreender o Outro como ser de consciência. Posso perceber-me como ser de consciência, pois tenho acesso a mim mesmo, mas o Outro me aparece inacessível. Num mundo em que vejo coisas, o meu próximo aparece como objeto entre tantas outras coisas. E por mais que realize movimentos que posso entender como de origem humanas, são movimentos que podem ser repetidos por um maquinário, que posso julgar como pertencente a um robô. Desta maneira, é perceptível que o conhecimento que obtenho a respeito do Outro, ao fazê-lo como objeto, não é suficiente para seja reconhecida a sua humanidade.

Reconhecer o outro como Outro, ou seja, um ser de consciência e por isso livre é importante, principalmente para uma filosofia que defende uma ética da responsabilidade. O entendimento dos conceitos elaborados por Sartre na obra o Ser e o Nada (2015), como

*para-si, em-si*, são fundamentais para esclarecer a noção de “Outro”, saber também, como se é possível estabelecer com ele uma conexão, e assim ser capaz de atribuir responsabilidade.

## **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA**

Pesquisa de natureza bibliográfica, tendo a obra *O Ser e o Nada* de Sartre como principal fonte. Buscou-se investigar noções como “outro” e “responsabilidade”. Foram utilizadas revistas, artigos científicos encontrados online acerca do assunto. Leituras, fichamentos e resumos tiveram fundamental importância devido à natureza da pesquisa.

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO**

Sartre quer estabelecer uma conexão com o Outro que se manifeste para além da probabilidade, para além do conhecimento que posso obter dele. O Outro deve se apresentar como presença em pessoa e assim ir de contra uma tradição que considera que o organismo humano remete a algo para além daquilo que é percebido. Não deve estabelecer uma prova de sua existência, mas como ele diz, uma afirmação. A afirmação do outro, então, deve partir do Para-si. Com isso, ele tenta chegar, mostrar essa conexão com o Outro, por meio da tese do olhar.

O outro aparece primeiramente ao Para-si, como Em-si. O Para-si se reconhece como não sendo o que percebe. E assim, o outro é um corpo entre os demais corpos. E diante desse corpo, pode-se estabelecer medidas, pode ser calculado, pode-se estabelecer infinitos pontos de vista, e isso constitui o conhecimento. Mas não é esta conexão a desejada. O Outro deve aparecer como pessoa e não como objeto. O que pode ser entendido até o momento é que, não é ao fazer do outro objeto, não é partir dos conhecimentos que dele retiro, que chegarei a conhecer a sua consciência, ou chegar próximo de algum tipo de alma. Para poder entender a relação com o Outro a partir da perspectiva de Sartre, seguirei o seu raciocínio. A utilizar de alguns de seus exemplos.

Sartre (2015), primeiro nos dá o exemplo do jardim público. É visto um homem sentado em um dos bancos. Ao nota-lo ele não é apenas captado como objeto, mas como homem. E isso porque, percebe-se um tipo de relação que escapa ao observador. O homem que está sentado não é só aditivo, não é somente mais um corpo entre outros. O Em-si é indiferente porque não se relaciona com outros corpos. E o que pode ser visto, a princípio, com o observar do homem, é que ele se relaciona com os objetos que estão ao seu redor. Ele observa o gramado que está a sua frente e nesse instante é criada uma espacialidade que não é minha. Posso observar o gramado. Mas esse homem também se relaciona com o gramado, pode estar vendo assim como eu a cor do gramado, ele o vê, mas aquilo que ele observa eu não tenho acesso. “Capto uma relação entre o verde e o Outro como uma relação objetiva, mas não posso captar o verde como aparece ao outro” (SARTRE, 2015, p.330). Sobre o fato é sublinhado que, os objetos que vejo não estão apenas para mim, mas parece haver outro que constitui uma relação com os objetos que é parecida com a minha.

No entanto o outro ainda aparece como objeto. Ainda não tenho acesso ao seu interior. Ele é ainda aquilo que reconheço como aquilo que não sou. Mas o fato dele se relacionar com os objetos ao redor é o que Sartre figura como sendo “uma pequena fenda particular em meu universo” (SARTRE, p.330). Isto porque, percebo que enquanto relação com os objetos, há a possibilidade de construção de mundo que, assim como eu, enquanto para-si, faço. Mas então, como é que pode ser estabelecida a conexão com o Outro? A conexão com o outro, para Sartre, encontra-se na possibilidade de ser visto por esse outro. “[...] se o Outro-objeto se define em conexão com o mundo como objeto que ver o que vejo, minha conexão fundamental com o Outro-sujeito deve poder ser reconduzida à minha possibilidade de permanente de ser visto pelo outro” (SARTRE, 2015, p.331). É a partir do momento em que reconheço que posso ser objeto para o outro é que posso lhe afirmar como sujeito. Constatado que é um homem, a partir do momento em que percebo o olhar do outro sendo lançado sobre mim, fazendo-me de objeto. “Porque, assim como o Outro é para meu ser-sujeito um objeto provável, também só posso me descobrir no processo de me tornar objeto provável para um sujeito certo” (SARTRE, 2015, p.331).

Sartre aprofunda a situação do que é ser visto a partir da análise da vergonha. Ele nos apresenta o exemplo do observar o outro pelo buraco de uma fechadura. Enquanto sozinho, a consciência se volta para o exterior, para a ação de olhar pelo buraco. Nisso há apenas o ato, no nível da consciência irrefletida. No entanto, em um repente, ao ouvir passos e perceber que alguém está a vê-lo. Enquanto consciência irrefletida, há apenas a ação, a vivência, a realização do ato e por isso, não se é possível realizar julgamento das ações, algo que pertence apenas à consciência reflexiva que põe como objeto um ato passado. A vergonha então, aparece para a consciência irrefletida a partir de um juízo lançado pelo outro. O olhar do outro aparece e com isso, enquanto Para-si, petrifica ao fazer-lhe de objeto, o define. “Significa que, de súbito, tenho consciência de mim escapando-me de mim mesmo, não enquanto sendo fundamento de meu próprio nada, mas enquanto tendo meu fundamento fora de mim” (SARTRE, 2015, p.336). Enquanto objeto para o Outro, ele faz as suas próprias medidas, realiza seus próprios juízos, sou um objeto sendo julgado a partir das perspectivas de outro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na investigação do Para-si, constata-se que ele é enquanto negação de algo. Esse algo é o Em-si. A sua capacidade negadora, que é inerente à sua existência, é o que lhe condiciona como liberdade. Por ser livre, não possuir a definição própria do Em-si, é capaz de realizar suas escolhas e ser o único responsável por elas. Do mesmo modo, compreender o Outro como um ser responsável por suas escolhas é compreendê-lo como ser livre. O problema está em como chegar a compreender esse Outro notado, como ser livre também, quando esse Outro é um ser inacessível. Diferente daquilo que se deriva de uma perspectiva mais tradicional, que procura estabelecer parâmetros, métodos para se chegar à essência do Outro. Para Sartre, não se constata a humanidade do Outro no momento que o faço como objeto. Ao contrário é na possibilidade de ser feito objeto pelo

Outro. Pois apenas um Para-si é capaz de transcender rumo ao que não é e, por conseguinte, realizar definições e julgamentos.

## **REFERÊNCIAS**

HUSSERL, E. **A idéia de fenomenologia**. Lisboa: Edições 70.

LEOPOLDO & SILVA, F. **Conhecimento e identidade histórica em Sartre**. *Trans/form/ação*. São Paulo, 26(2), p. 43-64, 2003.

SARTRE, J-P. **O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SARTRE, J-P. **O Existencialismo é um Humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

CAMARGO, J. H. L., MARQUES, V. H. O. **O Ser Para-Outro e o Inferno em Sartre**. *Ekstasis*, v.5 n.2, p. 167-185, 2016.

GONÇALVES, A. I. *Griot*, v.8 n.2, p. 55-71, 2013.